

Situação: O preprint não foi submetido para publicação

ACONTECIMENTO COVID-19: E DAÍ?

Mayara Ciciliotti da Silva , Ketle Silva , Luziane de Assis Ruela Siqueira , Maria Angélica Carvalho Andrade

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.520>

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- O autor submissor declara que todos os autores responsáveis pela elaboração do manuscrito concordam com este depósito.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa estão descritas no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores estão incluídas no manuscrito.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que caso o manuscrito venha a ser postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo estará disponível sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.

Submetido em (AAAA-MM-DD): 2020-05-18

Postado em (AAAA-MM-DD): 2021-03-31

ACONTECIMENTO COVID-19: E DAÍ?

COVID-19 HAPPENING: SO WHAT?

Mayara Ciciliotti da Silva¹

Ketle Silva²

Luziane de Assis Ruela Siqueira³

Maria Angélica Carvalho de Andrade⁴

RESUMO

No contexto da pandemia pelo novo coronavírus, quando o Brasil ultrapassa o número de mortes na China, a resposta do presidente da república *E daí?* torna-se um convite à reflexão, interpelando-nos a uma tomada de decisão, na direção de construir análises dos efeitos do acontecimento COVID-19, ou aderir à banalização deste momento. Pautando-se no modo experimental do pensamento e da crítica, sem a pretensão de abarcar a totalidade ou a verdade, este ensaio tem como objetivo problematizar os sentidos produzidos pela pandemia e a dimensão de uma ética da responsabilidade diante do mundo, que nos convoca a pensar “o que estamos fazendo” do e no mundo.

Palavras-chaves: Pandemias; COVID-19; Acontecimento; Ética; Problematização;

¹Mestranda em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
E-mail: mayaraciciliotti@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3222-6904>.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5748110626150671>;

²Mestranda em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
E-mail: ketlesilva@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5928-7016>;
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5063999270482170>;

³ Professora do Departamento de Psicologia (DPSI) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
E-mail: luzianesiq@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7510-9148>;
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6917111497820903>;

⁴ Professora do Departamento de Medicina Social e do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES);
E-mail: geliandrade@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3690-6416>;
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427520110626795>.

ABSTRACT

In the context of the new coronavirus pandemic, when Brazil exceeds the number of deaths in China, the response of the president of the republic So what? it becomes an invitation to reflection, asking us to make a decision, in the direction of building analyzes of the effects of the COVID-19 event, or adhering to the trivialization of this moment. Based on the experimental mode of thought and criticism, without the intention of encompassing the totality or the truth, this essay aims to problematize the meanings produced by the pandemic and the dimension of an ethics of responsibility before the world, which calls us to think “what are we doing” of and in the world.

Keywords: Pandemics; Coronavirus Infections; Event; Ethics; Problematization;

INTRODUÇÃO

E daí? Pode parecer estranho iniciar um texto com essa inflexão, citada pelo mandatário do Brasil. Esta indagação, formada por apenas duas palavras - portanto, ínfima e ligeira, nos interpela de tal forma, que nos mobilizou a pensar esse artigo. Buscaremos nesta escrita, compartilhar o que o *e daí?*⁵ tem provocado em nós, pesquisadoras de uma universidade pública.

Podemos vivenciar este momento de pandemia como um acontecimento, que segundo Foucault (2006), é uma “ruptura das evidências”, que impele e nos mobiliza a criar estratégias para lidar com o novo, com o não vivido. Tsallis (2014, p. 124), citando Vinciane Despret, nos diz que o “acontecimento é quando a partir daquele evento sua vida muda de tal maneira que já não é possível voltar atrás.[...] Aprender a ler é um acontecimento: quando vemos letras já não conseguimos mais não ler”.

Tomamos atual pandemia como um acontecimento, “já não seremos mais os mesmos”, dizem muitos neste momento. Já não é possível voltar atrás, mas devemos nos indagar: o que conseguiremos “ler” desta experiência? Que letras devemos juntar, que palavras elas formam para nossa leitura? Ou ficaremos cegos diante das letras, palavras, frases e diremos: *e daí?* E daí que as pessoas morrem, sofrem, são excluídas? O *e daí*, torna-se um convite, nos interpelando a

5 A nota refere-se a um recorte da emblemática fala “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre” proferida pelo atual presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, em entrevista dada à um grupo de jornalistas no dia 28 de abril de 2020 ao ser questionado sobre o aumento do número de casos da Covid-19 no país, que já ultrapassaram os números da China (GARCIA et al., 2020).

uma tomada de decisão: ler as letras, ou seja, construir análises dos efeitos do acontecimento-Covid-19, ou não ler, aderindo à banalização deste momento.

Entendemos que se trata de um convite à reflexão. Ao pensar sobre os sentidos produzidos pela pandemia, aceitamos a dimensão de uma ética da responsabilidade diante do mundo, que nos convoca a pensar “o que estamos fazendo” do e no mundo, conforme Arendt (2010). Para Assy (2004, p. 58), seguindo as reflexões arendtianas, “não obstante nascermos intrinsecamente entre homens, ainda nos cabe a arte de exercitar a alteridade, de assumir responsabilidade por quem somos, pelo modo como agimos, e por que mundo somos responsáveis”.

Traçamos aqui, portanto, algumas reflexões acerca do mundo atual, vivenciado a partir da pandemia. Do contrário, aderir ao *e daí?*, entendemos que traduz uma ausência de reflexão, seria aderir à banalidade do mal⁶. Assim, buscamos trazer neste texto as perguntas que estamos em pleno processo de elaboração, convocadas e afetadas pela indignação que tomou nossos corpos ao ouvir (e ler) a pergunta do presidente. Já explicamos que essa é uma escrita afetada, impregnada, no sentido que hooks (2000) nos convida: uma escrita que recoloca a paixão na academia, um *aceite* da convocação a pensar na pandemia em suas múltiplos e diversos efeitos - inclusive em nós!

PENSAR O MUNDO ESTANDO NO MUNDO

Refletir sobre o momento vivido nos impõe grandes desafios, pois pouco (ou quase nada) sabemos desse vírus invisível. É traçar uma tentativa de fazer uma ontologia do presente, tal como fizeram Foucault e Arendt: pensar o mundo estando no mundo. Pensar o presente, sem deixar a conexão com o passado. É explorar, ainda que intuitivamente, a dimensão de *aconteimentalização*⁷ da pandemia em nós, a partir de seus efeitos éticos, políticos, subjetivos que nos chega, perturba, atordoa, chacoalha.

6 A filósofa judia Hannah Arendt (1999), ao cobrir o julgamento de Eichmann, acusado do assassinato de milhões de judeus, visualiza um homem banal, que justificava seus atos como cumprimento de dever. A autora fala assim, da banalidade do mal, a ausência de pensar e refletir sobre nossas ações e seus efeitos no mundo.

7 Pode-se atribuir diferentes sentimentos para a noção de acontecimento. O primeiro se refere a algo que já aconteceu, e que, ainda se instala no pensamento como uma provocação, estabelecendo um elo com o passado na forma de um *pathos* de estranhamento e de assombro diante do ocorrido. Daí o acontecimento irrompe como uma novidade, como aquilo que vem de fora e força o próprio pensamento a pensar. Já o segundo significado considera como acontecimento aquilo que de modo imprevisto opera uma ruptura no aqui e agora e estabelece uma descontinuidade entre o passado e o futuro. Imprevisível, o acontecimento não pode ser objeto de explicação, mas, tão somente de narração, pode-se mostrar o acontecimento, mas ele não pode ser dito (VILELA; BÁRCENA-ORBE, 2007).

Para Foucault (2006), acontecimentalizar significa em primeiro lugar a afirmação de uma ética que muito pouco ou nada tem a dizer sobre A verdade dos fatos. Isso porque a *acontecimentalização* da experiência faz refletir o nosso encontro único e singular com a verdade e seus agenciamentos em nós, que nos modificam, mobilizam e paralisam, no aqui e agora. Portanto, a acontecimentalização rompe com uma continuidade histórica, ela permite a ruptura entre o tempo passado e presente, impondo uma descontinuidade, na medida em que produz marcas nos corpos da experiência, de modo a não serem mais os mesmos a partir dali: “Ali onde se estaria bastante tentado a se referir a uma constante histórica ou a um traço antropológico imediato, ou ainda uma evidência se impondo da mesma maneira para todos, trata-se de fazer surgir uma “singularidade”. [...] Ruptura das evidências, essas evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas” (FOUCAULT, 2006, p. 339).

Deste modo, os acontecimentos possuem uma dimensão de imprevisibilidade, que fazem irromper tentativas de controle, mensuração e previsibilidade sobre o mundo que nos cerca e nos habita. Afinal, o que este vírus invisível produz nos seres visíveis e invisíveis⁸?

Assim, para conhecer a dinâmica desse novo vírus convocamos as ciências médicas e exatas. Para dimensionar seus efeitos, convocamos a história, a política social. Talvez imbuídas de uma aposta em comum na confluência de seus saberes, ainda não descobriram a solução para a atual conjuntura de crise, que envolve além dos aspectos sanitário-econômicos muitas das dimensões do viver em sociedades patriarcais, racistas e machistas que caminham para o recrudescimento em nível exponencial da banalidade do mal, que por sua vez, se afina com as campanhas de solidarização e empatia seletivas.

NÃO SOMOS TODOS IGUAIS, NOS TORNAMOS IGUAIS - OU NÃO

Diante disso, é necessário refletir acerca do paradoxo de um vírus que convoca a ação individual e ao mesmo tempo remete à globalização e à “igualdade” de condições. Explicamos: cada um deve se cuidar, com ações individuais, como uso de máscaras, lavar as mãos, se isolar. E a isso não nos opomos, o que discutimos é a universalização dessas ações, quando é importante questionar: todos têm acesso à água, sabão? Todos têm casa para o isolamento? Quem pode

⁸ Os invisíveis ao Estado: fenômeno que repercute na mídia acerca dos sujeitos que estão no limbo entre a faixa de vulnerabilidade social (cadastrados no Programa Bolsa Família e acompanhados pela Políticas de Assistência Social) e os de classe média-pobre. São os autônomos, mas são também os que não são visíveis ao Estado, os infames, conforme Foucault (2006) e Lobo (2008), descrevem, os que não são dignos de nota, glória ou qualquer nota de fama, principalmente as pessoas em situação de rua, que vivem na clandestinidade da vida.

garantir o isolamento, quando a sobrevivência está em jogo? Como assegurar as medidas preconizadas no contexto de moradias precárias, insalubres, empilhadas nos becos estreitos, muitas vezes sem saneamento, sem água nas torneiras, sem dinheiro para comprar sabão, sem dinheiro pra comprar gás para cozinhar, sem dinheiro para comprar comida. Quando lançamos ações sem o entendimento da diversidade de condições socioeconômicas, obliteramos a realidade e nos isentamos de culpabilidade: se não der certo, é porque não houve dedicação e entendimento dos indivíduos! Lavam-se as mãos.

Se é verdade que o vírus não tem distinção de classe, raça e gênero – portanto, atinge a todos e todas de modo similar, como podemos então, explicar a letalidade pela covid-19 ser consideravelmente maior em pessoas negras (62%) em comparação aos sujeitos brancos ou que as favelas e os conjuntos habitacionais concentram maior número de mortes por Covid-19? (JÚNIOR; FIGUEIREDO, 2020).

É inquestionável que a situação da pandemia faz emergir uma grave crise sanitária e econômica, mas também é verdadeiro que ela escancara diversas dimensões da desigualdade de antes e constitui-se atualmente um grande desafio assegurar os direitos fundamentais de determinados sujeitos quando cada vez que pensamos nas ações de combate e prevenção do vírus, milhares de problemas surgem.

Portanto, não existe discurso neutro ou relativizado, e com o vírus não seria diferente, o que a Covid-19 tem revelado com força é o que vem sendo denunciado a tempos, as desigualdades gritantes de gênero, raça e classe, além do modo como as estruturas políticas e econômicas afetam e matam populações que vivem em condições precárias. A perspectiva da interseccionalidade nos auxilia a pensar como se entrecruzam e potencializam esses eixos de opressão e subordinação.

Nesse sentido, localizar as mulheres entre o grupo mais afetado pelas consequências da pandemia, e sobretudo mulheres negras, em virtude de ocuparem majoritariamente a base da pirâmide sendo a maioria entre os trabalhadores informais, recebem os menores salários, vivem em condições precárias de moradia, alimentação, saneamento básico e sofrem com a violência doméstica, que tem crescido neste período de isolamento domiciliar (AFP, 2020), como apontado pela intelectual Kimberle Crenshaw (2002), mulheres negras estão na frente desta colisão interseccional (raça, classe e gênero).

Ademais, é importante considerar que grande parte das mulheres se constitui como “cuidadoras”, isto é, são a maioria de trabalhadoras na área da saúde, são as responsáveis pelos doentes da família, das pessoas com deficiência, dos idosos, e são as que são submetidas ao trabalho doméstico sejam em suas casas ou fora delas. Diante deste cenário é fundamental perguntarmos, quem cuida de quem sempre cuidou?

Paradoxalmente, pensar no vírus que globaliza o horror e medo da morte nos leva à ilusão que somos todos iguais, todos sendo afetados pelo mesmo *inimigo*. “Não nascemos iguais: tornamo-nos iguais como membros de um grupo por força da nossa decisão de nos garantirmos direitos reciprocamente iguais” (ARENDDT, 1989, p. 335). Assim, temos a possibilidade de nos tornarmos iguais - ou não. Os países não vivem esta pandemia exatamente da mesma forma. Os indivíduos também não a vivem da mesma forma. Essa ilusão de estarmos conectados cria uma imagem de uma *humanidade amiga*, de mãos dadas contra o vírus. Ainda que vejamos ações de países como as doações da China, as questões políticas e econômicas não deixam de vigorar e afirmar um jogo de interesses pautado nas políticas neoliberais, como por exemplo a retenção criminosa pelos Estados Unidos da América de insumos médicos importados da China pelo Brasil e por outros países e a decisão do atual presidente americano de acabar com o financiamento da Organização Mundial da Saúde (DOLCE, 2020). Há que se ter cuidado: o *We are the world*⁹ não existe!

UM DESTINO DE MORTE NÃO DEMOCRÁTICA PARA MILHARES DE BRASILEIROS E BRASILEIRAS

Não se trata de um discurso pessimista, mas como afirmamos anteriormente, uma tentativa de compreender os efeitos da pandemia em nós. Seguimos com muitas perguntas e poucas respostas... E elencamos culpados: o indivíduo, que não cumpre seu papel de cidadão? (no caso do Brasil um papel confuso: aderir ao isolamento ou produzir?), Deus, que manda o castigo divino como já vivido na história da humanidade? Ou a ciência, que não produz a vacina?

Com renovada confiança, o discurso dos governantes aposta na ciência (no caso do Brasil e de outros países, a mesma ciência que vem sendo atacada e descredibilizada, ao não ter os investimentos em pesquisas e universidades públicas: um novo paradoxo.

⁹ A música “We are the world”, foi produzida na década de 1980, fruto de uma campanha contra a fome do continente africano, inspirando outras campanhas similares no mundo todo.

O chamamento da ciência para dar respostas é endossado pela população, que frente ao aumento do número de mortes têm demonstrado indignação coletiva frente aos efeitos do vírus. Tal como aponta Barzaghi (2020) o medo da morte aproxima as pessoas em seu distanciamento social, de tal forma que:

As janelas dão passagem a gritos de indignação perante a declaração de que a economia não pode parar por conta de 5 ou 7 mil mortes; ela nunca parou, por que seria diferente agora? O extermínio de parcelas da população sempre fez parte dos planos de crescimento econômico desse aclamado país do futuro. Mas em solo brasileiro, [...] priorizar tão descaradamente a economia sobre a vida soa o mais inaceitável dos discursos. E é (s/p).

Porém, “porque pela primeira na vida muita gente se identifica como parte daqueles que o Estado admite como descartáveis, esses que até então eram Outrem?” (BARZAGUI, 2020, p. s/p).

De algum modo a necropolítica¹⁰ chegou mais perto da nossa porta. Com isso, vemos uma tentativa de colocar todos no mesmo barco, das janelas levantam-se as bandeiras de luta que afirmam a igualdade do contágio e das medidas de prevenção. Sem dúvidas, vivemos em um contexto de riscos, dentre os quais o mais temido é o risco de afirmarmos que “no Brasil a necropolítica também é igualitária e democrática” (BARZAGUI, 2020, s/p) enquanto os efeitos da pandemia são direcionados de forma mais incisiva àqueles que historicamente estiveram na linha de frente da morte.

Como dissemos, a pandemia afeta diferentemente os povos. E precisamos olhar e ler “as outras letras”, as histórias de vidas que existem para além de nossos apartamentos e computadores. Mbembe (2020) nos alerta para os povos e sujeitos que “já não têm direito à respiração”, que sofrem processos históricos de violência, extermínio, colonização e objetificação. Krenak (2020, p. 7) aponta também para os efeitos da ação destrutiva dos homens na Terra. E analisa que “o que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. [...] ‘Filho, silêncio’. A Terra está falando isso para a humanidade”.

Formas diferentes das nossas de sentir e dizer os efeitos da pandemia. De fato, não somos iguais. Se temos algo em comum, é o fato de que estamos todos vivenciando os efeitos de uma pandemia que nos coloca frente à morte, de uma forma que temos que “tomar consciência,

¹⁰ Mbembe (2018) analisa as formas de poder contemporâneo, propondo a necropolítica, que são formas de poder que subjagam a vida ao poder da morte, “formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de ‘mortos-vivos’” (p. 71).

repentinamente, da própria putrescibilidade, e ter de viver na vizinhança da própria morte, a contemplá-la como uma possibilidade real” (MBEMBE, 2020,s/p).

Decerto já vivemos outras experiências de mortes, como no início do ano de 2020, mesmo ano que eclodiu a pandemia de Covid-19, a Região Sudeste do Brasil foi assolada por fortes chuvas deixando cidades devastadas, inúmeras famílias tiveram suas casas destruídas, perderam entes queridos, tendo que literalmente recomeçar do zero. O número de mortos crescia diariamente, e justificava-se à intervenção humana o motivo da força avassaladora das águas que por onde passava nada deixava em pé.

Na atual conjuntura, vemo-nos diante da letalidade de um vírus microscópico, porém tão avassalador quanto às fortes enxurradas do começo do ano que dizimaram centenas de famílias. Diante disso, acerca da extensão da necropolítica, cabe-nos a advertência ao tentarmos situar que a pandemia nos coloca em frente a um novo inimigo - “não se engane: por todo o mundo os campos de morte, que são tão antigos quanto a história da civilização ocidental, continuam e continuarão existindo” (BARZAGUI, 2020, p. 4)

E daí?, quem deve pagar a conta da pandemia? O que dizer de *Zés Ninguéns*¹¹ e Marias, Josés, Anas e tantos nomes-vidas que viraram números? A inflexão *E daí?* é praticamente um destino de morte para milhares de brasileiros e brasileiras, e lança a reflexão da banalidade do mal, em uma dimensão ética de pensar uma ameaça mundial e ao mesmo tempo local. De que corpos e vidas falamos nos índices de mortalidade pelo vírus? A ilusão de que mata igualmente, independente de classe é uma falácia que tenta produzir uma sensação de igualdade. Ainda que os funerais sejam parecidos, há vidas que importam e vidas que não importam. Há vidas que são passíveis de luto e vidas que não são contabilizadas porque são vistas como precárias - não vidas, não humanos (BUTLER, 2019).

Esta pandemia aciona os microscópios para visualizar o vírus, mas também nos convoca a lançar um olhar mais apurado, mais detalhado para as desigualdades e processos de exclusão social que não foram estancados. A produção da subjetividade infame segue a pleno vapor. Não refletir sobre os efeitos desiguais em uma população desigual é também aderir à banali-

¹¹ “Escuta, Zé Ninguém!” foi o título de um livro escrito por Reich em 1946, onde denunciou o quanto de Zé Ninguém tem em cada um de nós, de como nos conduzimos a pensar e agir por todas instituições que nos cercam, tais como a família, religião, política, movimentos de massa, educação etc. O *Zé Ninguém* (2007) para Reich era aquele que tem medo de olhar para si próprio, tem medo da crítica e do poder que tem; tem medo de ser livre, de ser direto e assim se torna cauteloso em demasia, não realizando absolutamente nada [...].

dade do mal: E daí? Seremos cúmplices silenciosos do *e daí?* de um presidente que foi denunciado no Tribunal Internacional de Haia devido a sua negligência com as políticas de isolamento, e pelo Washington Post como o pior líder mundial a lidar com o novo coronavírus [8], que desdenha a morte e se declara incapaz de se solidarizar com seu povo, e que não se vê como o maior responsável pelo enfrentamento dessa grave pandemia? Seremos como Eichmann e diremos: estou fazendo minha parte, muitos irão morrer mesmo... E continuar banalizando as inúmeras mortes e os sofrimentos que incidem de diferentes maneiras nos indivíduos? Vamos aderir cegamente a uma nova arte de governar, atualizada em tempos de pandemia, baseada no medo, no autoritarismo, no genocídio, na ignorância, e na indiferença do *e daí?*

MUITAS PERGUNTAS E POUCAS RESPOSTAS

Qual é o nosso papel diante desses desafios e paradoxos? Muitas perguntas e poucas respostas. Arendt (1989), ao tentar compreender o totalitarismo nazista e a ausência da política vivida na Segunda Guerra Mundial dizia que a questão não era a ausência de respostas, mas o fato de que os homens não mais conseguiam fazer as perguntas certas.

O vírus continua nos interpelando com interrogações, esfregando em nossa face a fragilidade do conhecimento sobre essa novidade nomeada Covid-19. Mas quais perguntas ainda devemos fazer face às desigualdades e às mazelas sociais?

Convocamos ao abandono de nossas facas amoladas¹², apostando no convite de mergulho na experiência da pandemia, uma experiência que impõe a reflexão ética de como nos responsabilizamos pelo mundo, um mundo que apesar dos paradoxos e desafios, pode ser pensado como um mundo comum. Afinal, se estamos vivenciando uma guerra (a pandemia), com a destruição de nossas certezas e com incontáveis mortes, podemos, a partir de Walter Benjamin (1994, p. 116), pensar que se há algo positivo na guerra, é que ela destrói e aniquila tudo, mas também dá passagem ao ato de impelir para a frente, “a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco”.

¹² “No texto A atriz, o padre e a psicanalista - os amoladores de facas, Luis Antônio dos Santos Baptista, expõe a ideia de um genocídio social de forma indireta causado pelos chamados “amoladores de facas”. Esses amoladores, são os sujeitos que influenciam a opinião social, e a disseminação de suas ideologias servem como justificativa para decisões individuais de consequência coletiva, ou seja, vai influir de uma forma geral na sociedade.

Com o pouco de conhecimento e certezas que temos hoje acerca do vírus, tomadas de inquietações e afetos, convidamos às reflexões finais: o que vamos ler do acontecimento-Covid 19? O que nos fica de reflexão e possibilidade de construir e começar de novo? E, como nos diz Krenak (2020, p. 14), “tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro”.

REFERÊNCIAS

AFP. Coronavírus: durante a quarentena, violência doméstica aumenta ainda mais nos países da América Latina. **O Globo**, São Paulo, 22 de Mar. de 2020. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-durante-quarentena-violencia-domestica-aumenta-ainda-mais-nos-paises-da-america-latina-24387467>> Acesso em: 06 de Maio de 2020.

ARENDT, H. A condição humana. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Origens do totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ASSY, Bethania. Introdução à edição brasileira: “FACES privadas em espaços públicos” - por uma ética da responsabilidade. In: ARENDT, Hannah. Responsabilidade e julgamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 3160.

BAPTISTA, L A. dos S. A Atriz, o Padre e a Psicanalista - os Amoladores de Facas. **A Cidade dos Sábios**. São Paulo: Summus, 1999. pág. 45 a 49. Disponível em: <http://www.cprj.org.br/publicacoes/jornal/jornal12-andremartins.pdf>

BARZAGUI, C. **O inimigo não é o vírus**. n-1 edições - Textos. 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>

BUTLER, J. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>> Acesso em 06 de maio de 2020.

DOLCE, J. Geopolítica da pandemia: “A verdade é que hoje o Brasil é um pária internacional”, diz especialista em saúde global. **A Pública**, 27 de Abr. de 2020. Disponível em <https://apublica.org/2020/04/geopolitica-da-pandemia-a-verdade-e-que-hoje-o-brasil-e-um-paria-internacional-diz-especialista-em-saude-global/?fbclid=IwAR27NHU34_QppKNGkUIf1Jbg2QuEqMpE6roPIX_eqN3e87GOWUVfB7mRfoI> Acesso em 06 de Maio de 2020.

FIGUEIREDO, P. Bairros com maior número de mortes por coronavírus em SP concentram favelas e conjuntos habitacionais. **G1**, São Paulo, 04 de Maio de 2020. Disponível em

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/04/bairros-com-maior-numero-de-mortes-por-coronavirus-em-sp-concentram-favelas-e-conjuntos-habitacionais.ghtml>> Acesso em: 06 de Maio de 2020.

FOUCAULT, M. Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). **Michel Foucault: estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006. Coleção Ditos & Escritos, v. 4, p. 338-339.

GARCIA, G et al. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. G1 – Globo. Brasília, DF, 28 de abril de 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml> > . Acesso em: 06 de maio de 2020.

HOOKS, b. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JÚNIOR, G. Em SP o risco de morte de negros por Covid-19 é 62% maior em relação aos brancos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 Maio de 2020. Disponível em <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,em-sp-risco-de-morte-de-negros-por-covid-19-e-62-maior-em-relacao-aos-brancos,70003291431>> Acesso em: 06 de Maio de 2020.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2020.

LOBO, L F. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MBEMBE, A. **O direito universal à respiração**. Tradução de Ana Luiza Braga. n-1 edições - Textos. 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>

_____. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. n-1 Edições, 2018.

REICH, W. **Escute, Zé-ninguém!** 2ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 2007

TSALLIS, A. Caros colegas pesquisadores. In BERNARDES, A. G.; TAVARES, G. M.; MORAES, M. [organizadores]. **Cartas para pensar políticas de pesquisa em Psicologia** (e-book). Vitória: EDUFES, 2014. p. 123-130. <http://edufes.ufes.br/items/show/357>.

VILELA, M E M; BÁRCENA ORBE, F. Acontecimento. In: CARVALHO, A.D. (coord.). **Dicionário de Filosofia da educação**. Porto: Porto Editora, 2007, p.14-19.